
Semiárido Nordeste: imagens, abordagens, saberes e práticas

The Northeastern Semi-arid Region: images, approaches, knowledge and practices

Semiárido del Noreste: imágenes, abordajes, saberes y prácticas

Helton Costa Santana¹

 <https://orcid.org/0009-0002-7909-5585>

Simone Ribeiro Santos²

 <https://orcid.org/0000-0001-5477-6216>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo socializar experiências de práticas de ensino vivenciadas durante as aulas de Geografia nas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Dr. Luiz Navarro de Britto, que faz parte da rede pública de educação no Município de Saúde - BA, cuja temática envolve a região Nordeste do Brasil. A questão que mobiliza esta escrita é: Como o professor de Geografia do Ensino Fundamental II pode abordar temáticas vinculadas ao Nordeste brasileiro de modo a desconstruir estereótipos sobre esta região? Trata-se, portanto, de um relato de experiência, cuja prática de ensino esteve ancorada no estudo do semiárido nordestino, a partir de textos e imagens que retratam a referida temática que compõe o currículo da Geografia escolar, o que possibilitou perceber o ponto de vista dos discentes no que concerne ao seu imaginário sobre o sertão nordestino. Esta experiência permite afirmar que, por meio de uma educação contextualizada e crítica, o professor deve promover uma prática pedagógica que construa saberes não estereotipados que permitam formar estudantes capazes de compreender reflexivamente a realidade em que se encontram, com consciência crítica em relação ao que ensina e ao que se aprende.

PALAVRAS-CHAVES: semiárido nordestino; estereótipos; prática de ensino; Geografia escolar.

ABSTRACT: *The purpose of this article is to report on teaching practices experienced during Geography classes in 7th grade Middle School classes at the Dr. Luiz Navarro de Britto Municipal School, which is part of the public education network in the municipality of Saúde – BA, whose theme involves the Northeast region in Brazil. The question that drives this writing is: How can the Middle School Geography teacher address themes linked to the Brazilian Northeast in order to deconstruct stereotypes about this region? This is, therefore, an experience report, whose teaching practice was grounded in the study of the Northeastern semi-arid region, based on texts and images that portray this theme which is part of the school Geography curriculum, making it possible to understand the students' point of view regarding their imaginary of the Northeastern rural drylands, known as "sertão". This*

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: hcsantana1@yahoo.com.br.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPgEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET). E-mail: ssoliveira@uneb.br.

experience makes it possible to state that, through contextualized and critical education practices, teachers should promote a pedagogical approach that builds non-stereotyped knowledge that allows students to be prepared to reflexively understand the reality in which they find themselves, with a critical awareness of what is taught and what is learned.

KEYWORDS: *northeastern semi-arid region; stereotypes; teaching practice; school Geography.*

RESUMEN: *El presente artículo tiene como objetivo relatar experiencias de prácticas de enseñanza vividas durante las clases de Geografía en los grupos de 7º año de Educación Secundaria de la Escuela Municipal Dr. Luiz Navarro de Brito, que hace parte de la red pública de Educación en el Municipio de Saúde - BA, cuya temática envuelve la región Noreste de Brasil. La cuestión que moviliza esta escrita es: Como el profesor de Geografía de Educación Secundaria puede abordar temáticas vehiculadas al Noreste brasileño de manera a deconstruir estereotipos acerca de esta región? Se trata, así, de un relato de experiencia, cuya práctica de enseñanza estuvo anclada en el estudio del semiárido, a partir de textos e imágenes que retratan la mencionada temática que compone el currículo de la Geografía escolar, lo que posibilitó percibir el punto de vista de los alumnos en relación a su imaginario acerca del interior desértico del noreste. Esta experiencia permite afirmar que, por medio de una educación contextualizada y crítica, el profesor debe promover una práctica pedagógica que construya saberes no estereotipados, que permitan formar estudiantes capaces de comprender reflexivamente la realidad en que se encuentran, con conciencia crítica en relación a lo que enseña y lo que se aprende.*

PALABRAS-CLAVE: *semiárido del noreste; estereotipos; práctica de enseñanza; Geografía escolar.*

EPISÓDIO 1: O CONTEXTO DO TEXTO

É inegável que os meios de comunicação exercem grande influência na vida das pessoas e na sociedade, de forma geral. Eles podem ser utilizados para informar, mas também podem construir, no imaginário das pessoas, imagens distorcidas, estereotipadas, que acabam sendo internalizadas pelos sujeitos, tendo em vista que jornais, revistas, televisão, internet e, também, o livro didático, podem retratar situações que possibilitam às pessoas criarem representações negativas e/ou estereotipadas sobre uma determinada região do Brasil, como a do Nordeste brasileiro.

Especialmente a sub-região do sertão nordestino, haja vista que a imagem que costumam retratar é de um ambiente seco e com a vegetação da caatinga desprovida de biodiversidade, totalmente sem folhas, sem água para a população e, também, para os animais.

Apesar de todo o cuidado que o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) estabelece durante o processo de avaliação das obras que irão ser utilizadas pelos estudantes e professores da escola básica, ainda assim, podem conter imagens que possibilitam uma visão estereotipada do Nordeste.

O baixo índice pluviométrico do sertão nordestino ganha destaque nos noticiários, restringindo todo o semiárido às áreas rurais com o clima quente e seco que provoca a morte dos animais e a fuga dos moradores do espaço rural para os centros urbanos.

É preciso construir novos olhares sobre o semiárido nordestino no ensino de Geografia. A prática pedagógica precisa ser pautada no ensino crítico e dialético para desconstruir imagens negativas e internalizadas pelos estudantes, pois o professor deve ter um olhar atento em suas aulas, fazendo as intervenções pedagógicas necessárias, estimulando a reflexão a partir de novas abordagens, fazendo uso de diversas linguagens, tanto textuais como imagéticas (Portugal; Chaigar, 2012; Portugal; Oliveira; Pereira, 2013) e articular os conteúdos curriculares à realidade vivida pelos estudantes, pois é importante desconstruir os estereótipos sobre a região semiárida do Nordeste do Brasil para que os estudantes percebam as potencialidades locais e a diversidade de climas, solos, hidrografia e vegetação desta região porque é necessário refletir sobre a importância de valorizar e preservar os recursos naturais presentes no semiárido brasileiro e compreender as singularidades dos lugares.

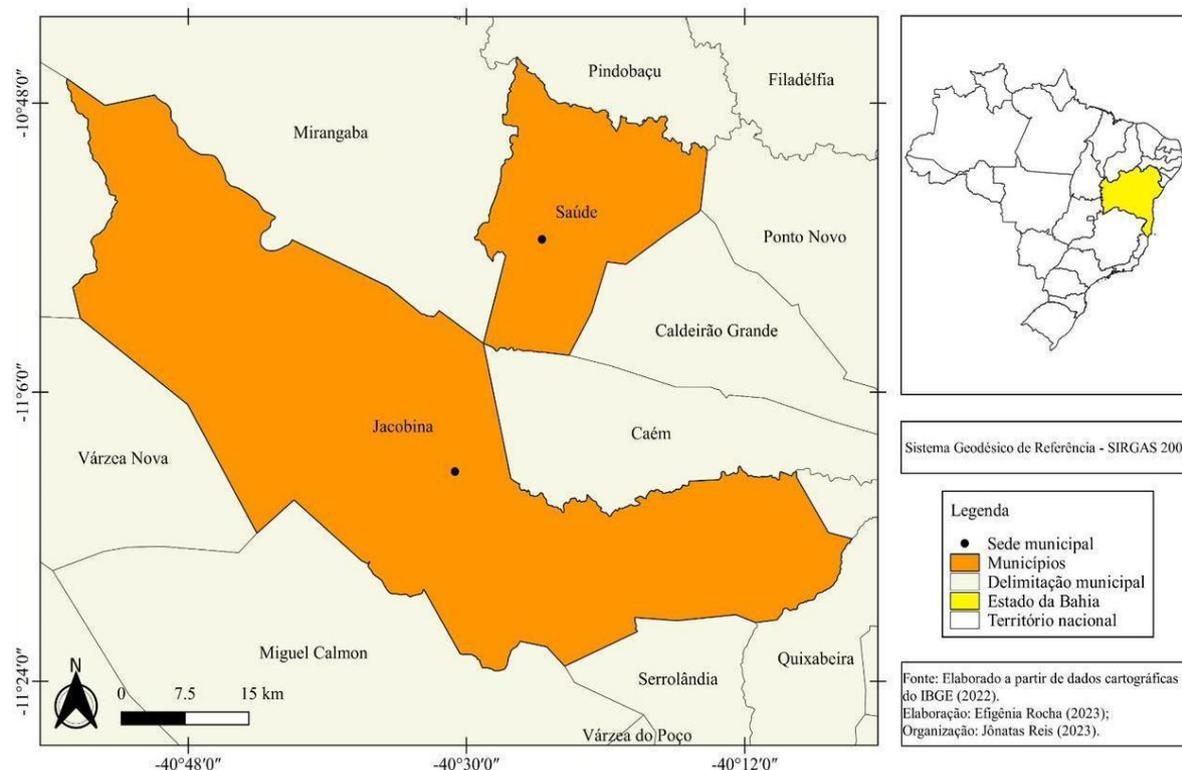
Este texto resulta de uma experiência vivenciada durante as aulas de Geografia, com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Dr. Luiz Navarro de Britto, uma escola da rede pública de educação, localizada no Município de Saúde – BA (Figura 1), no sertão baiano, a partir da temática sobre região Nordeste do Brasil.

A cidade de Saúde está localizada no interior da Bahia, a 353 quilômetros de distância da capital baiana. Faz parte do Território de Identidade do Piemonte da Diamantina, uma divisão regional realizada pelo governo da Bahia, e possui uma área territorial de 509,098 quilômetros quadrados e sua população é de 10.478 pessoas (IBGE, 2022).

Este artigo foi mobilizado pela seguinte questão: como o professor de Geografia do Ensino Fundamental II pode abordar temáticas vinculadas ao Nordeste brasileiro de modo a desconstruir estereótipos sobre esta região?

A escolha desta unidade de ensino como campo de pesquisa justifica-se pelo fato de ser a escola onde um dos autores leciona há 10 anos. Já a temática é eleita, sobretudo, por ser um objeto de conhecimento que faz parte do currículo da Geografia Escolar, além disso trata-se de um tema que está envolvido na criação de uma imagem e de uma representação equivocadas, já que o discurso midiático contribui significativamente para a composição de um imaginário popular que compreende a região como seca e empobrecida.

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados nesta experiência, salientamos que foram realizadas pesquisas bibliográficas e utilizadas imagens que retratavam o Nordeste brasileiro no livro didático adotado na turma do 7º ano do Ensino Fundamental da escola campo de pesquisa deste estudo. Inicialmente, foram feitas seleções de textos complementares para abordagens, e exposições orais sobre a temática do Nordeste brasileiro em sala de aula com os estudantes, fazendo uso das imagens contidas no livro didático.

Figura 1 - Localização do Município de Saúde e Jacobina-BA

Fonte: Dados da pesquisa³.

Posteriormente às exposições, foi elaborado e aplicado um questionário aberto com questões relacionadas aos aspectos físico-naturais da região Nordeste, de modo a identificar a percepção dos estudantes sobre o bioma da caatinga e da região semiárida do Nordeste brasileiro (Quadro 1).

Para a realização desta prática foi necessário observar os estudantes, conhecer o que sabiam sobre a temática, identificando os seus conhecimentos prévios sobre o assunto para, posteriormente, mobilizá-los para a reflexão sobre os conceitos geográficos envolvendo a temática, como, por exemplo, região e território.

Este texto está estruturado em quatro seções, as quais foram nomeadas como episódios. A primeira é esta, nomeada como o contexto do texto, que tem a intenção de situar o leitor sobre este manuscrito. A segunda seção versa sobre as ações que mobilizaram a prática aqui retratada. A terceira tem o objetivo de apresentar a percepção que os estudantes têm sobre a caatinga e o semiárido nordestino. Por último, a quarta seção, que corresponde à conclusão deste manuscrito para findar esta escrita.

³ Elaboração: Rocha, 2023.

Quadro 1 - Sistematização das ações com os estudantes da escola campo de pesquisa

Temas/ Conteúdos Programáticos/Atividades	Ações	Data
Levantamento prévio dos conhecimentos que os estudantes têm sobre o Nordeste brasileiro e exposição sobre o tema.	Exposição oral aplicação de questionário	setembro - 2023
Revisão da literatura sobre o Nordeste brasileiro	Leitura e sistematização	setembro - 20/03
Nordeste brasileiro: sertão e semiárido	Discussões, resumos e fichas com autores e obras	outubro - 2023
As diferentes visões sobre o semiárido	Exploração de imagens e análise dos textos presentes no livro didático	outubro- 2023
Localização espacial do semiárido nordestino	Produção de cartazes	novembro - 2023
Os meios de comunicação e a construção de estereótipos	Produção de desenhos e textos a partir da visão de do semiárido pelos alunos	novembro - 2023
As diferenças no semiárido	Representação do semiárido por meio de desenhos	novembro - 2023

Fonte: Os autores.

EPISÓDIO 2: CAMINHOS PARA A DISCUSSÃO SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO

Aparentemente, discutir ou abordar a temática do Nordeste para um grupo de jovens estudantes que habitam um município localizado no semiárido nordestino parece ser uma tarefa fácil para o professor de Geografia, mas não é, sobretudo porque esta região reúne uma diversidade de paisagens e conceitos possíveis de serem explorados na sala de aula. Os estudantes chegam com ideias fixadas/cristalizadas de suas percepções sobre os fatos e conceitos que precisam ser investigadas para intervir e desconstruir. O fato de morar na região semiárida não significa que eles conhecem as potencialidades da mesma.

Historicamente, o Nordeste brasileiro pode ser considerado o berço do povoamento lusitano no Brasil, pois foi nesta região que os primeiros portugueses chegaram ao país. É uma região rica em recursos, graças às suas características naturais, como tipo de solo e relevo, dentre outras.

Segundo os pesquisadores que se dedicam a estudar a colonização portuguesa no Brasil, a exemplo de Gilberto Freyre (1967), este aponta que o Nordeste brasileiro vivenciou

seu auge no final do século XVI e meados do século XVII, estabelecendo uma base comercial sólida, ancorada na atividade açucareira que promoveu, naquele período, uma (re)organização dos espaços nordestinos.

Entretanto, parece irônico, mas a região que um dia foi o palco da civilização brasileira, por aproximadamente três séculos (XVI à XVIII), concentrando tanto os altos índices populacionais, quanto a riqueza de todo o país, fazendo-se centro das decisões político-econômicas em terras brasileiras, hierarquicamente ligada à coroa portuguesa, hoje, essa mesma região (Nordeste), sofre as sequelas que resultaram da falta de políticas públicas, para a região, sendo uma das consequências a dispersão da população a partir do início do século XIX, motivadas pela falta de infraestrutura, de um plano de desenvolvimento. E nas palavras de Antônio Jorge de Siqueira (2003), de uma política de preferências econômicas injusta.

Na escala hierárquica do circuito socioeconômico e político do Estado brasileiro, na contemporaneidade, a região Nordeste sofre uma segregação socioespacial ditada pelo poder econômico que seleciona lugares de comando e outros que serão comandados, refletindo, assim, em visões estereotipadas, a colocando como a região problema, de seca e de miséria, fazendo-a carregar o peso de ideologias diversas.

Ancorada em um discurso determinista, a ineficácia e/ou lento processo de desenvolvimento da região Nordeste, por muitos anos, vergonhosamente vem sendo justificada pela falácia da seca, alocação essa covardemente vendida por aqueles que dizem representar o povo em busca de migalhas do governo federal, a fim de combater algo que não se pode vencer – o fenômeno da seca, pois este resulta de processos climáticos, não está ao alcance de ser vencida, mas sim, aliar-se a ela, através de políticas de convivência com a escassez nos meses de pouca chuva. Assim, os estereótipos foram construídos, mas o professor, sobretudo o de Geografia, precisa ressignificar esta visão sobre a região Nordeste do Brasil.

O conceito de região é um termo polissêmico e controvertido, usado em diferentes contextos e operacionalizações, nas ciências em geral e particularmente na Geografia, no planejamento e nas políticas públicas do Estado, e ainda é muito utilizado no senso comum. Conforme Gomes (2003), o uso está associado à localização e à extensão de certo fato ou fenômeno.

Para Santos (1979), região é a síntese concreta e histórica da instância espacial e dos processos sociais, produto e meio de produção e reprodução de toda a vida social. Assim, a ideia de região geográfica, apresentada por este autor, coloca-se como um resultado da combinação de diferentes domínios (naturais, humanos e políticos, entre outros) que deverão ser identificados e distinguidos em uma dada porção do espaço.

Segundo Lencioni (2023), a região pode ser objetivamente distinguida pela paisagem e os homens tomam consciência dela à medida que constroem identidades regionais. Para

tanto, nessa perspectiva, a região possui uma realidade objetiva e cabe ao professor pesquisador distinguir as homogeneidades existentes na superfície terrestre e reconhecer as individualidades regionais.

A temática do semiárido do Nordeste permite, também, discutir o conceito de território a partir da pluralidade de uso desse conceito. O território pode ser entendido como uma área geograficamente delimitada, dotada de relações de poder e de aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais.

Coelho Neto (2016, p. 15) chama atenção para a “[...] banalização do conceito que muitas vezes é usado como sinônimo de espaço geográfico, mesmo na Geografia”. Para o professor Rogério Haesbaert (1997, p. 42),

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólico-cultural, através de uma identidade territorial e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: o domínio do espaço pela definição de limites ou fronteiras visando a disciplinarização dos indivíduos e o uso/controle dos recursos.

Nesse contexto, a abordagem sobre o semiárido nordestino, na sala de aula, abre um leque de possibilidades para discutir diversos conceitos e temas vinculados a esta região. Sobre os encaminhamentos pedagógicos realizados com os estudantes do 7º Ano da Escola Municipal Dr. Luiz Navarro de Britto, localizada no município de Saúde, inicialmente foram feitas observações da dinâmica da sala de aula, bem como um levantamento prévio do que eles sabiam sobre a região Nordeste do Brasil, com a pretensão de possibilitar uma reflexão sobre as possíveis estratégias de ensino para articular os conceitos geográficos, temas, fenômenos e processos vinculados a esta temática que compõe o currículo da Geografia Escolar.

A prática da observação e do levantamento prévio dos conhecimentos dos estudantes são ações que possibilitam ao professor criar estratégias didáticas diversas, pois na medida em que permite criar situações para explorar o conteúdo a partir do que foi proposto no planejamento didático, pode realizar práticas de ensino atreladas às diversas linguagens, como a música, o artesanato local, a literatura, em especial a de cordel, utilizar charges, desenhos, fotografias de diferentes espaços nordestinos, fazer uso de cartografia, gráficos, cinema, histórias em quadrinhos, mobilizar a turma para a prática da pesquisa, dentre outras situações e linguagens possíveis, como bem pontuam Portugal, Oliveira e Pereira (2013) e Portugal e Chaigar (2012).

Essas estratégias metodológicas e artefatos didáticos pedagógicos, assentados nas diversas linguagens, potencializam a abordagem dos conteúdos da Geografia que compõem o currículo escolar, numa dimensão de problematização, contextualização, de

interdisciplinaridade e de transdisciplinaridade, pois favorecem aprendizagens significativas aos estudantes, além de possibilitar ao professor uma formação em serviço para uma atuação mais expressiva nas aulas de Geografia porque permite refletir sobre as potencialidades das estratégias didáticas, fazer uso de diversas linguagens e promover a criticidade de seus estudantes, tornando o ensinar e o aprender um momento profícuo de conhecimentos.

EPISÓDIO 3: AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE O SEMIÁRIDO NORDESTINO E A CAATINGA

Este relato de experiência surgiu a partir das aulas de Geografia na turma do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dr. Luiz Navarro de Britto, da rede municipal de ensino, localizada no município de Saúde, no interior do estado da Bahia. A escola atende o público do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, nos turnos matutino e vespertino. Quanto à estrutura física, a unidade escolar possui sete salas de aula e, segundo dados do último censo escolar (INEP, 2023) e fornecido pela gestão, a escola atende 234 estudantes matriculados e acolhe 21 professores com formações em diferentes áreas.

Ao trabalhar com o tema sertão nordestino, a partir de imagens e textos, previamente selecionados para este momento, com visões diferentes sobre a região do semiárido nordestino, foram feitos questionamentos aos estudantes em relação ao tema, tendo em vista levantar a percepção que eles têm do bioma da caatinga e da região do semiárido nordestino.

Ao pedir para escolherem as respectivas imagens utilizadas no momento inicial da aula, para representar o sertão nordestino, os estudantes selecionaram, respectivamente, as que retratavam a seca e a caatinga, com destaque para a imagem que evidenciava animais mortos em meio à fome e à sede.

A discussão teve início a partir de alguns questionamentos feitos aos estudantes sobre o semiárido nordestino, como: o que vocês sabem sobre o semiárido nordestino? Como vocês descrevem a vegetação da caatinga? Alguns estudantes externaram suas colocações contribuindo para a discussão do tema.

Em seguida, foi feita uma atividade na qual os estudantes deveriam escolher, dentro das opções, três imagens que representassem o Nordeste brasileiro e explicar o motivo da escolha. Após a realização da atividade, como forma de refletir sobre o tema, foi feita a leitura de dois textos presentes no livro didático, com ponto de vistas diferentes sobre o Nordeste.

O primeiro texto, cujo título é “A gente almoça no meio da tarde para comer uma vez só” e o segundo, nomeado como “As potencialidades da vegetação da caatinga”, disponíveis na obra didática *Araribá Mais Geografia* (Dellore, 2018), obra produzida pela editora Moderna,

de autoria coletiva, tendo como editor responsável Cesar Brumini Dellore e aprovada pelo Ministério de Educação, através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), utilizado como livro didático adotado na turma do 7º Ano, da Escola Municipal Dr. Luiz Navarro de Britto, localizada no Município de Saúde-BA.

Assim, os trechos dos textos reproduzidos pelo livro didático *Araribá Mais Geografia* foram lidos e discutidos, destacando a importância de um olhar crítico para o que nos é passado como verdade absoluta.

O primeiro texto retrata a narrativa de um garoto de 11 anos que trabalha na roça ajudando os pais e que sonha morar na cidade grande pra estudar e ser doutor, com a intenção de fugir da seca e da miséria. No segundo texto, a matéria aborda as potencialidades do sertão nordestino. O primeiro texto apresenta uma realidade presente no imaginário de muitos alunos e bem conhecida, talvez, até vivida por alguns dos estudantes da escola em questão.

A partir desses fragmentos textuais, é possível perceber nas abordagens dos trechos das reportagens que existem dois pontos de vista diferentes para o mesmo recorte espacial. Inicialmente, mesmo após a discussão sobre a riqueza natural de espécies vegetais e animais presentes na caatinga e da potencialidade econômica da região do semiárido nordestino, os estudantes ainda continuavam ressaltando as características negativas que costumavam ser retratadas, sobretudo pelos meios de comunicação.

Esse imaginário regionalista que perdura até os dias atuais, como visto mais adiante nas narrativas dos estudantes, também é fruto dos discursos proferidos pelos políticos e pela elite econômica da região com o objetivo de angariar recursos do Governo Federal. Essa construção do Nordeste, a partir da miséria, beneficiou, e ainda beneficia, os interesses políticos daqueles que tinham o desejo pela manutenção do modelo posto. É necessário desconstruir a abordagem reproduzida sobre o semiárido e destacar suas potencialidades. Para Malvezzi (2007, p. 12),

O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mais de 'acabar com a seca', mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente é claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que [...] tem riquezas surpreendentes.

A partir do exposto pelo autor, é importante destacar que o semiárido possui riquezas e, como qualquer outro ecossistema, a caatinga precisa ser entendida e respeitada. Após as exposições nas aulas de Geografia, os estudantes responderam ao questionário apontando elementos que retratam o estereótipo de uma região seca e pobre. Outrossim, ficou perceptível, a partir das narrativas e de suas concepções, que os estudantes se referem ao Nordeste como se fosse algo muito distante deles, sempre falando do nordestino como um

povo sofrido, faminto e que abandona suas terras à procura de emprego e sombra para repousar e, assim, responderam os estudantes enfatizando que:

Eu sei que lá é quente e seco etc. (Estudante A).
O semiárido nordestino tem uma vegetação bastante seca (Estudante B).
Caracterizado pelos longos períodos de seca (Estudante C).
Em todo Nordeste é seco e quente (Estudante D).

Esses excertos narrativos estudantis não diferem de outras representações encontradas em reportagens, novelas, filmes e jornais, nas quais a região Nordeste aparece como a região problema do Brasil. Ou ainda, quando se fala em miséria, em pobreza absoluta, em insuficiência alimentar pensa-se logo nessa região.

Essas representações foram sendo construídas no imaginário social ao longo dos anos e, infelizmente, foi incorporada por muitas pessoas, mas a precisamos desconstruir. Ainda sobre estas representações dos estudantes sobre o semiárido nordestino, ao responderem o questionário sobre as características desta região do Brasil, eles disseram:

É caracterizada pela ocorrência do bioma da caatinga (Estudante E).
Apresenta clima seco e quente (Estudante F).
Também pode ser chamado de sertão nordestino (Estudante G).
A região semiárida nordestina é fundamentalmente caracterizada pela ocorrência do bioma da caatinga (Estudante H).

Os estudantes foram identificados a partir da letra do alfabeto, de modo a preservar suas identidades. Essas narrativas foram coletadas a partir de um questionário durante uma prática de ensino no ano letivo de 2023, da Escola Municipal Dr. Luiz Navarro de Britto.

A partir das informações obtidas por meio do questionário foi possível estabelecer algumas considerações e traçar um panorama no que tange à assimilação por parte dos estudantes e que podem indicar o que eles sabem e pensam sobre o semiárido. Por isso, é importante que o professor trabalhe com os conceitos de sertão e semiárido nordestino, para desconstruir/construir conhecimentos por meio de uma aprendizagem significativa capaz de despertar o senso crítico dos estudantes.

Dessa maneira, a palavra sertão quando utilizada de forma ampla compreende quase todo o interior do país. Por outro lado, seu uso de forma estrita se refere a todo o interior do semiárido do Nordeste. É preciso esclarecer que o sertão nordestino, bem como a região semiárida, apresenta uma grande variedade de paisagens em seus aspectos físicos como vegetação, microclimas e diversas formas relevo.

Segundo Amado (1995) o sertão nordestino foi sendo construído, em contraponto com o litoral, apresentando diferenças não apenas nos componentes ambientais, mas também na

forma de organização da sociedade em seus aspectos culturais e nas atividades econômicas. O litoral dos senhores de engenho se apresentava como o berço da sociedade evoluída, representando o moderno, o orgânico e o civilizado, enquanto o sertão dos coronéis representava o atraso, o inorgânico e a barbárie (Prado Junior, 2011).

Nesse sentido, 'sertão' foi uma categoria construída primeiramente pelos colonizadores portugueses, ao longo do processo de colonização. Uma categoria carregada de sentidos negativos, que absorveu o significado original, conhecido dos lusitanos desde antes de sua chegada ao Brasil - espaços vastos, desconhecidos, longínquos e pouco habitados-, acrescentando-lhe outros, semelhantes aos primeiros e derivados destes, porém específicos, adequados a uma situação histórica particular e única: a da conquista e consolidação da colônia brasileira (Amado, 1995, p. 148).

Existe uma riqueza surpreendente de elementos geográficos como as serras, cachoeiras e vegetação de Mata Atlântica que precisam ser preservadas e valorizadas, assim como a memória histórica que deve ser resgatada e revalorizada.

Haesbaert (2023) afirma que nossos sertões ou, mais especificamente, os sertões semiáridos em foco, na rica bioetnodiversidade, revelam contradições de longo curso na geohistória brasileira.

Segundo o professor Rogério Haesbaert (2023), a diversidade encontrada no sertão nos leva a considerar a existência de vários sertões, muito embora seja real a carência de recursos para uma parcela significativa da população regional, não é plausível reduzir todo o semiárido à pobreza e à necessidade contínua de assistência do poder público, ainda que o imaginário regionalista, muitas vezes, se alimente dessa ideia, sua realidade não se esgota nas dificuldades do sistema econômico, pretensamente causadas pelos problemas climáticos (Castro, 2013).

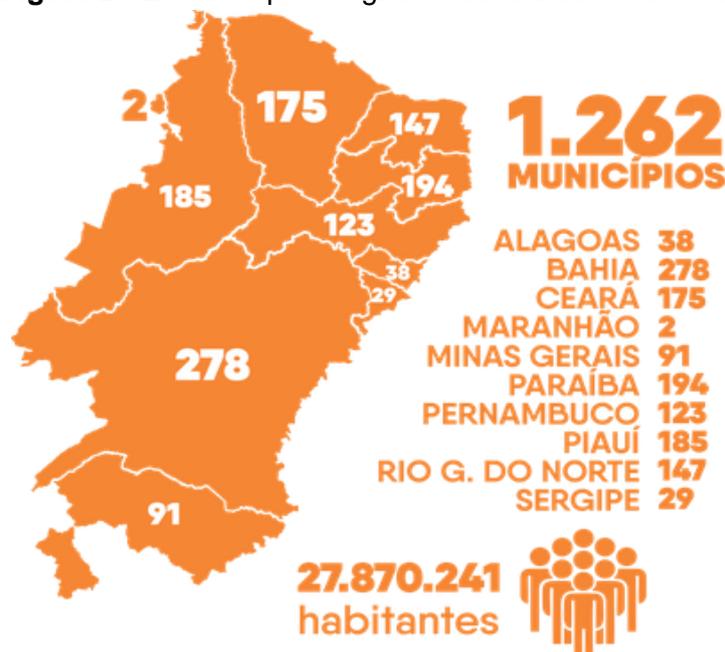
Ademais, é importante compreender que a delimitação do semiárido é de competência da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), órgão vinculado ao Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional que leva em consideração critérios técnicos para realizar essas delimitações.

Segundo o Instituto Nacional do Semiárido (Brasil, [2024]), o semiárido brasileiro se estende pelos nove estados da região Nordeste e, também, pelo norte de Minas Gerais (Figura 2). No total, ocupa 12% do território nacional e abriga cerca de 28 milhões de habitantes, divididos entre espaços urbanos (62%) e rurais (38%), sendo, portanto, um dos semiáridos mais povoados do mundo. Trata-se de uma região rica sob vários aspectos: social, cultural, ambiental e econômico.

Assim, quando se fala em clima semiárido, frequentemente a primeira imagem que surge na memória das pessoas é a de uma natureza severa, de vegetação seca e bastante

inóspita. No entanto, existem mais de onze mil espécies vegetais catalogadas, sendo que o bioma predominante do semiárido brasileiro é a caatinga, constituída especialmente por leguminosas, gramíneas, euphorbiáceas, bromeliáceas e cactáceas.

Figura 2 - Estados que integram o semiárido nordestino



Fonte: Brasil ([2024]).

Por isso, a tarefa do professor não é nada fácil, ao contrário, se mostra complexa, pois não se deve reproduzir os discursos, mas buscar compreender os efeitos de sentido gerados pelos discursos materializados nos livros didáticos e evidenciados pelos meios de comunicação. O livro didático acaba sendo um difusor de ideologias, estreitamente ligado à relação de poder, podendo ser classificado, também, em algumas obras, como um recurso didático que pode ser utilizado para o controle social, na medida em que grupos hegemônicos tenham interesse de retratar o Nordeste brasileiro a partir de uma visão, muitas das vezes, negativa e que reforça os preconceitos contra a população nordestina.

Assim, cabe considerar aqui que o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), do Ministério da Educação (MEC), por meios de comissões de especialistas estabelecem critérios de avaliação de obras didáticas que poderão ser utilizadas nas escolas públicas brasileiras. Nessas avaliações, os editais do PNLD estabelecem o critério do não preconceito, de nenhuma forma, como um elemento do processo de avaliação (Brasil, 2023).

Diante do exposto, é válido salientar que o professor deve fazer de sua prática educativa um processo de construção e reconstrução de conhecimentos teóricos atrelados à realidade, ou seja, o professor deve ser, antes de tudo, um pesquisador, como afirma Demo (2004), ao dizer que é fundamental que o professor possa atuar e modificar o meio no qual está inserido,

não somente como um profissional da pesquisa, mas, sobretudo, como um profissional da educação.

A experiência vivenciada na sala de aula, ao tratar da temática do Nordeste brasileiro permitiu levantar alguns vestígios das representações sobre o Nordeste a partir das narrativas dos estudantes, buscando compreender as representações desta região do Brasil, sobretudo do semiárido, e como esta temática se articula no interior de uma disciplina como a Geografia, ofertada na segunda metade do Ensino Fundamental em uma escola localizada na região semiárida da Bahia. Em nenhuma das narrativas estudantis é possível visualizar características da região que não sejam relacionadas com a seca, com o clima quente e com a vegetação da caatinga.

Assim, a seca é o ponto que ganha destaque no imaginário dos estudantes quando se referem ao semiárido. Essa percepção é resultado dos discursos que são veiculados pelos meios de comunicação, pelos livros didáticos e pela construção no seio da coletividade social.

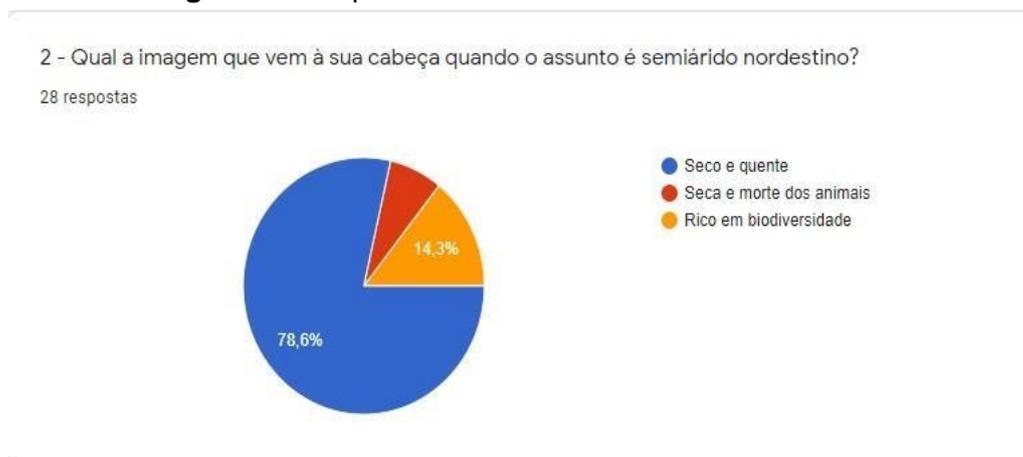
Diante desse cenário, a Geografia, seja como ciência ou como matéria de ensino, deve ser ensinada de forma envolvente e comprometida com a realidade, pois o conhecimento que se adquire de maneira significativa é retido e lembrado por mais tempo. A Geografia tem papel fundamental na sociedade, pois possibilita ao estudante uma compreensão mais aprofundada do seu contexto, bem como o significado de sua espacialidade.

Com a coleta de informações e dados, através das respostas dos estudantes, a partir do questionário aberto aplicado na escola campo de pesquisa, foi possível verificar as percepções que os estudantes têm sobre o Nordeste brasileiro, bem como sobre a caatinga. Esse procedimento se mostrou importante como técnica de recolha de informações para sistematização dos dados, os quais são apresentados nos gráficos a seguir, que retratam os saberes dos estudantes, construídos a partir de estereótipos, colocando o semiárido como lugar da fome, da seca e da miséria, associando-os às condições de um lugar quente e seco (Figura 3).

Nesse sentido, ao analisar a Figura 4 percebemos que a palavra semiárido vem acompanhada dos adjetivos quente e seco, o que expõe o equívoco que é construído e reproduzido nas salas de aula e no espaço social dos sujeitos. Atentemos agora para outro ponto de análise que merece destaque, os dados obtidos sobre a caatinga, em outro gráfico (Figura 4).

Na questão de número cinco do questionário utilizado durante a pesquisa, foi perguntado sobre a potencialidade econômica do bioma da caatinga, com a intenção de verificar se era possível identificar posições que pudessem demonstrar a riqueza da caatinga. O que se pode constatar é que a maioria dos estudantes acredita que tem pouco potencial.

Figura 3 - Respostas dos estudantes sobre o semiárido

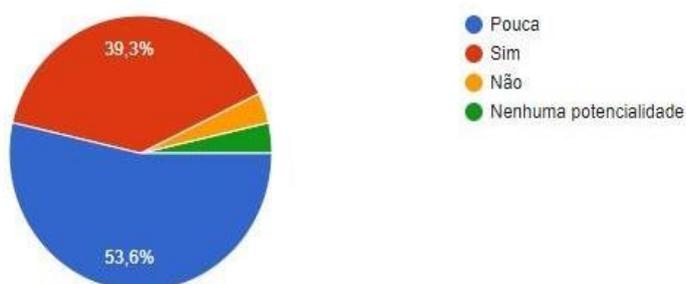


Fonte: Dados da pesquisa.⁴

Figura 4 - Respostas dos estudantes sobre a potencialidade econômica da caatinga

5 - A caatinga tem potencialidade econômica:

28 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.⁵

A vegetação mais presente no semiárido é a caatinga, que se caracteriza por uma mata branca, rasteira de alta ou de baixa estatura, e apresenta algumas diversidades dentro do seu bioma. A vegetação mais rasteira ocupa as regiões sertanejas.

Com o pouco conhecimento da flora da caatinga, decorrente do processo histórico de desvalorização desses espaços, criou-se uma ideia de que o ambiente onde a caatinga predomina não apresenta riqueza na biodiversidade e nem potencial econômico. Por isso, a intervenção foi necessária para buscar a desconstrução dos estereótipos que foram construídos e cristalizados ao longo dos anos. Foi realizado junto com a turma uma discussão sobre essa percepção negativa que eles possuem e que precisa ser modificada

⁴ Prática docente realizada na Escola Municipal Dr. Luiz Navarro de Britto, Saúde-BA, 2023. Elaboração: Helton Costa Santana, 2024.

⁵ Prática docente realizada na Escola Municipal Dr. Luiz Navarro de Britto, Saúde-BA, 2023. Elaboração: Helton Costa Santana, 2024.

de forma gradual. Eles puderam perceber através das fotografias expostas a diversidade e riqueza que possui a região.

EPISÓDIO 4: ENFIM, O QUE FICA POR DIZER? A CONCLUSÃO

No que se refere ao ensino de Geografia, é de fundamental importância uma proposta que viabilize estudar o semiárido de uma forma mais profunda, investigativa, diagnóstica e interventiva, destacando a riqueza do sertão e a importância da caatinga para a manutenção das espécies endêmicas da região.

Por meio de uma educação contextualizada e crítica, o professor deve promover uma prática pedagógica que construa saberes não estereotipados, permitindo formar sujeitos capazes de compreenderem reflexivamente a realidade em que se encontram, com consciência crítica em relação ao que se ensina e ao que se aprende.

A experiência relatada neste manuscrito nos permite afirmar que precisamos transformar nossas visões acerca do processo de ensino-aprendizagem, não podemos reproduzir conteúdos sem um olhar crítico. Faz-se necessário a busca por um pensamento reflexivo que possa nos revelar o discurso político e ideológico no meio social. Esta vivência formativa, materializada em uma prática de ensino, em uma escola da rede pública municipal, em Saúde-BA, nos possibilitou perceber o quanto é preciso e possível modificar, (re)criar e (re)inventar o nosso fazer pedagógico, pois existe uma infinidade de possibilidades que podem ser utilizadas pelo professor em seu fazer pedagógico diário, contribuindo de forma significativa para a construção de conhecimentos geográficos a partir dos mais variados dispositivos didático-pedagógicos.

Diante da experiência relatada e das perspectivas futuras para um ensino de Geografia cada vez mais significativo, pautado no senso crítico e na reflexão, torna-se imprescindível que o professor seja um pesquisador de sua própria prática de ensino.

Desse modo, é importante indagarmos sobre as nossas práticas de sala de aula, a partir de alguns questionamentos sobre o nosso papel enquanto educadores, mediadores de conhecimento e formadores de opinião. Afinal, quais as representações que precisamos construir/desconstruir/reconstruir a partir de nossas práticas de ensino na Geografia Escolar? A intenção deste manuscrito foi socializar uma prática de ensino realizada em uma escola pública municipal, localizada no interior da região Nordeste do Brasil, na Bahia, cujas narrativas estudantis denunciam imagens e representações estereotipadas sobre esta região que precisa ser desconstruída, sobretudo nas aulas de Geografia.

Dessa maneira, é preciso transformar visões acerca do processo de ensino-aprendizagem. Faz-se necessário a busca por um pensamento reflexivo que possa nos revelar o discurso político e ideológico no meio social.

Portanto, a partir desse relato de experiência, pode-se afirmar que os estudantes reproduzem o que ouvem, mas é necessário que o professor estabeleça seus procedimentos de ensino que atendam às necessidades formativas desses sujeitos e que possibilite a reflexão sobre o Nordeste brasileiro e sobre tantas outras representações que são construídas sobre as demais regiões e sub-regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8. n. 15, p. 145-151, 1995.
- BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Instituto Nacional do Semiárido. **O Semiárido brasileiro**. Brasília, DF: INSA, [2024]. Disponível em: <http://www.gov.br/insa/pt-br/semiario-brasileiro>. Acesso em: 8 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Editais de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD**. Brasília, DF: MEC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/.../consultas-editais/editais/edital-pnld-2023>. Acesso em: 3 maio 2024.
- CASTRO, Iná Elias de. Imaginário político e realidade econômica: o "marketing" da seca nordestina. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 53 -75, 2013. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2317>. Acesso em: 8 abr. 2024.
- COELHO NETO, Agripino Souza. Territorialidade: uma proposição teórico-conceitual. *In: SILVA, Ana Margarete Gomes da, AMORIM, Ivonete Barreto de, CASTRO, Selma Barros Daltro de. (org.). Educação, territorialidade e formação docente: contextualizando pesquisas*. Curitiba: CRV, 2016. p. 15-29.
- DELLORE, Cesar Brumini. **Projeto Araribá Mais Geografia**. São Paulo: Moderna, 2018.
- DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.
- GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. *In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 50-73.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. **Dramas e esperança nos sertões do Brasil**. Jacobina: [s. n.], 2023. Trabalho não publicado.
- IBGE. **Saúde: dados populacionais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/birtinga.html>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo escolar**. Brasília, DF: INEP, 2023. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/escolar>. Acesso em: 10 set. 2024.
- LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 2023.
- MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido - uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.

PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. Curitiba: CRV, 2012.

PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina D. Silva. **(Geo)grafias e Linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas**. Curitiba: CRV, 2013.

PRADO JUNIOR, Caio. O sentido da colonização. *In*: PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 15-29.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. Nação e região: os discursos fundadores. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 19, n. 2, p. 1-22, 2003.

Recebido: junho de 2024.

Aceito: outubro de 2024.